

PREFÁCIO

Perspectivas de Formação dos Humanos

As experiências de formação dos humanos têm constituído foco de atenção permanente das inteligências mais diversas. Formar jovens tendo em vista o futuro, reformar adultos para torná-los contemporâneo de seu tempo, ou preparar os idosos para as últimas etapas da vida e, eventualmente, para a morte, alimentam discussões que levam a uma melhor compreensão do que são as instituições educativas, os processos e os agentes de formação, o conteúdo, o objeto, o contexto, o significado social e o sentido subjetivo de todo este processo.

Aqui neste livro realizamos algo similar: nos reunimos para realizar uma experiência formativa baseada em trocas culturais, esperando seja da melhor qualidade acadêmica e humana. Nós, os mestres-aprendizes, realizamos um elenco de aprendizagens significativas, num contexto onde a busca do saber se faz com base em relações pedagógicas temperadas pela afetividade e pelo cuidado ético-político. Mobilizamos o melhor de nossas experiências docentes-discentes para este encontro dialógico com os saberes que a nossa maturidade e juventude permite. Nos preparamos para a troca de experiências, para aprender juntos no diálogo. Este livro é o relato desta experiência.

Para concretizá-lo, mobilizamos algumas vozes do passado que aprendemos a admirar e respeitar pela pertinência da sua contribuição ao diálogo acadêmico formador.

Lembramos inicialmente a dimensão educativa do discurso da fábula e do mito. Presentes em todas as civilizações da humanidade, em todas as latitudes, fábula e mito inau-

guras a intenção formadora, o projeto de modelar pelo exemplo das gerações passadas aquelas que se iniciam na trajetória da humanização e da cidadania. As fábulas são paradigmas do ensino e da aprendizagem significativas. Mobilizam a atenção e mantêm focado o interesse do ouvinte-aprendiz e, com encantadora brevidade, apresentam seu recado direcionado à cognição, à afetividade ou à sensibilidade ético-política. O mito, por sua vez, faz uma primeira sistematização do saber ao articular em seu relato os heróis, as ações, os fenômenos, a moral, o conhecimento, a virtude, os espaços, os tempos, que dão sentido às existências individuais numa dimensão cósmica. Não são ainda conteúdos curriculares, mas são predecessores indispensáveis à formação organizada e sistemática.

Fábula e mito se articulam ao conhecimento filosófico e aos saberes revelados e sagrados. Novamente aqui a intenção formadora se apresenta evidente. Seja na formação do crente para a vida verdadeira, aquela que se inaugura após a morte; seja para a formação do cético, aquele que tem na dúvida a matriz de sua relação com o saber, todos supõem uma pedagogia, uma escola, uma Paideia ou uma Escolástica. A escola se organiza muito precocemente, talvez contemporâneas da emergência das práticas da escrita e da consolidação dos alfabetos na Mesopotâmia e no Mediterrâneo oriental. Esta escola se articula a outras instituições formadoras do cidadão, dentre as quais se destacam o teatro e os cultos pagãos. O colapso da civilização da antiguidade clássica remeteu a tarefa da formação que era realizada nas escolas à nova instituição, a Igreja Católica.

Deste ponto em diante estamos em casa, ou melhor, estamos na escola como a conhecemos até hoje. A intenção formadora floresce na Modernidade com a invenção do currículo, da

classe, da sequência, da ordem, do texto impresso, do papel e da tinta. A ruptura do monopólio da Igreja Católica sobre os bens de salvação (consequência do surgimento das confissões protestantes) está na origem da didática e da generalização da leitura. O colapso do Antigo Regime está na base da educação básica obrigatória como dever do estado. A expansão das universidades, a difusão do saber laico, a ampliação das bibliotecas e museus, a organização dos laboratórios; o incremento do comércio, das viagens e seu relato; a emergência de uma opinião pública associada a jornais periódicos e à regularização dos serviços postais; a constituição de Academias de Ciências e a consolidação de uma visão de mundo centrada no conhecimento científico metodicamente produzido, tudo isso está associado de modo estruturalmente solidário. O surgimento de novas relações entre capital e trabalho, possibilitadas por novas tecnologias de geração de energia, e automatização na operação de máquinas; a constituição de estados nacionais com a consequente invenção de histórias, fundadores, passados, perspectivas de futuros e ideais de pertencimento. Tudo isso implica e se associa a modos de formação humana relacionados à escola.

Esses processos de mudanças nos trazem ao século XXI. A formação humana, que era orientada pelo passado, para a vida depois da morte, ou para ideais de cidadania, agora é crescentemente orientada pelo e para um futuro a respeito do qual não há consenso. Emergem novos atores sociais com suas próprias demandas e expectativas educacionais. As tensões entre o local e o global se intensificam. As certezas desmoronam. As fronteiras se desvanecem. Surgem questionamentos a respeito do papel formador da escola e tecnologias de informação e comunicação fundamentam alternativas de formação pela *media*; consolidam-se instituições formadoras

que concorrem diretamente com a escola; acumulam-se as dificuldades à operação e financiamento das escolas presenciais (deslocamento, trânsito, estacionamento, segurança).

Talvez experimentemos na atualidade um novo momento de formação pela fábula e pelo mito. Lendas urbanas circulam intensamente com nítido intento formador e perfil claramente conservador (senão mesmo reacionário). Os mitos sobre os heróis de nosso tempo são correntes e exaltam as figuras de sucesso empresarial, científico, político e criminal, muitas vezes completamente falsos.

Dentre as fábulas de nosso tempo destaca-se a da *globalização*, tal como nos é apresentada em textos que se pretendem científicos. Consumo fácil; crédito fácilimo; redução dos estados nacionais; fragilização das fronteiras; redução das garantias individuais; eliminação da estabilidade do emprego e do trabalho; justificação do desemprego; desvalorização dos salários. Predomínio das armadilhas da “criatividade financeira” em detrimento do investimento no trabalho produtivo. Tudo isso em troca de um sentir-se consumidor universal. A fábula do acesso aos bens que é na prática negada pelos mecanismos de exclusão e monopólios.

Temos pela primeira vez na história da humanidade as possibilidades materiais, científicas e tecnológicas para efetivamente garantir a cada ser humano uma vida digna. Produzimos mais alimentos do que o necessário para os sete bilhões de humanos. Entretanto decidimos não distribuí-los. Não empregamos a lógica da solidariedade; preferimos aquela da acumulação de riquezas em poucas mãos.

O recurso mais precioso do planeta, a água, é pessimamente tratada, crescentemente privatizada, além de poluída. Receamos que o próprio ar que respiramos em breve receba o mesmo tratamento, já que a crescente industrializa-

ção exige água e ar limpos em quantidades crescentes, e os devolve ao ambiente contaminados.

É para operar neste mundo (que alguns querem pós-moderno) que a Universidade contemporânea se prepara. Ao longo de sua história ela já atravessou grandes dificuldades e superou com êxito outros desafios. Temos alguns caminhos pela frente: seguir a trajetória laica, pública, voltada para a produção, crítica e difusão do saber do tipo científico e artístico; enveredar pelo caminho das universidades corporativas; abandonar a perspectiva da formação escolar em favor do acesso direto ao saber depositado nas redes, sem interferência do professor.

Temos pela frente a possibilidade de construir uma escola e educação orientadas pelos valores da solidariedade, atentas às necessidades do conjunto da sociedade, das maiorias, dos excluídos de toda sorte, dos valores culturais locais. Ou podemos avançar rumo a uma instituição educativa que apenas reforçe as tendências disruptivas que já se desenham no futuro imediato. Podemos incluir, receber, abrir, solidarizar; ou podemos excluir, deter, bloquear, negar. Podemos pensar com nossos próprios recursos culturais e intelectuais; ou podemos continuar a reproduzir os modelos de pensamento que serviram apenas para nos dominar no passado. Podemos superar a perspectiva colonizada e construir nossa autonomia ou podemos reproduzir a colonização internalizada mais uma vez. Essas as opções propriamente curriculares que temos pela frente para o Ensino Superior.

Este livro é assim o resultado de nossas reflexões a respeito da educação em nosso tempo. Como educadores aprendemos a balizar nosso caminho rumo ao futuro levando em consideração a nossa trajetória passada. Essa experiência já teve como base a fábula, o mito, a revelação, e a razão; já nos

organizamos em termos tutoriais, escolásticos, didáticos, presenciais, e virtuais; já valorizamos a explanação dogmática, a dúvida sistemática, o diálogo fraterno, a crítica contundente, o experimento crucial, e a fantasia criadora; elegemos como apoio explicativo o belo, o justo, o bem, o cosmos e o caos. Aqui estão algumas perspectivas.

Luiz Botelho Albuquerque